

RAS: O "MNR" ou mais uma face da agressão

por Fernando Lima (AIM)

De que forma se articula a actuação dos bandos armados contra-revolucionários como o auto-intitulado «Movimento Nacional de Resistência» no interior de Moçambique, com a estratégia geral de desestabilização traçada pela África do Sul nesta zona do continente?

As ligações entre o «MNR» e Pretória, não são de agora. Conheceram no entanto uma certa intensificação após a vitória eleitoral da ZANU no Zimbabwe, santuário inicial do «MNR».

Antigos oficiais da segurança rodesiana, clamam para si a responsabilidade da criação da «resistência» — tomada corpórea com o concurso de «desesperados setembristas» recrutados na África do Sul, Rodesia e Portugal, elementos das tropas especiais de intervenção do exército colonial, dos grupos paramilitares repressivos, da policia política fascista, de desertores da FRELIMO e das FPLM.

A «inteligência» rodesiana assessorada por Pretória, constituiu este grupo de «ressão operacional, na perspectiva de persuadir o governo moçambicano, a moderar o apoio à luta nacionalista do Zimbabwe, que em 1976 ganhava um novo ímpeto. Da mesma forma procedem as novas entidades de tutela, balizadas pelo vigor das cada vez mais audaciosas operações do ANC.

Em 1979, a actividade destes grupos fazia-se sentir nas províncias de Manica, Sofala, Tete e Zambézia. Aqui o apoio era proveniente do Malawi, onde é conhecido o espaço de influência de uma das personalidades chaves do «dossier Resistência» — o industrial português Jorge Jardim, estabelecido actualmente no Gabão.

Com a assinatura dos acordos da Lancaster House, o «MNR» corria o risco de ficar sem patrono. As próprias autoridades Inglesas encarregadas do processo de transição, exerceram pressões

sobre o aparelho rodesiano para o desmantelamento da «operação «MNR», incluindo a programação da «voz da África livre», posta no ar a partir de emissores instalados em Gweilo, Fort Victoria e Untall.

Os ingleses insistem que não se trata de qualquer movimento de carácter autonomista, como pretendiam os rodesianos maquihar a operação.

A este respeito, são hoje conhecidos pormenores relacionados com o ataque aos depósitos de combustível nos arredores da Beira. Esta acção que na altura havia sido reivindicada pelo MNR, foi executada por um comando mercenário sob direcção rodesiana, como represália ao ataque nacionalista contra os reservatórios de Salisbúria. O guia da operação, um moçambicano, foi friamente abatido junto ao local da operação, envergando uniforme militar profusamente decorado com insígnias do «MNR».

No início de 1980 são rapidamente anetados contactos com sectores sul-africanos, tendo em vista a adequação às novas circunstâncias criadas. A África do Sul recebia àquela altura, um contingente migratorio de referências pouco saudáveis — «seios scouts», os auxiliares de Muzorewa e uma autêntica aguarela de nacionalidades, englobando «mão-de-obra» mercenária momentaneamente sem emprego. É a partir destas unidades que fermentaram e fermentam planos bélicos. Elas constituem o lastro indispensável a alternativas de poder no Zimbabwe, que não tinham o nome de Mugabe. Deste meio saem também instrutores e novos elementos para as fileiras do «MNR», conforme comprovam inúmeras declarações de bandoleiros capturados pelas FPLM.

No plano operacional, os grupos mercenarizados do MNR desempenham o papel atribuído pela estratégia militar racista contra a RPM (não é estranho que atentados contra fontes ener-

géticas na RAS, correspondam a sabotagem de postes eléctricos e linhas de alta tensão no centro de Moçambique). A esta actividade está adstrita a procura de sensibilidades no exterior do continente, envolvendo movimentações nos meios conservadores e saudosistas de Lisboa, Madrid, Paris e Londres, onde assumem maior raice, figuras como Orlando Cristina, Evo Fernandes ou mesmo Domingos Arouca.

A «Voz da Quizumba» voltou de novo a fazer-se ouvir através do éter, desta feita a partir do Transval, provincia fronteira com Moçambique e o Zimbabwe, onde estão estabelecidas as principais bases de insurrectos. Um cordão sanitário de tropas sul-africanas servidas por novos aeródromos de apoio, separa os campos das linhas de fronteira.

Aviões de transporte e helicópteros, fornecem o apoio logístico necessário às acções no interior do território moçambicano. É mencionado o sul do Zimbabwe, incluindo a área de Chipinga e Melsetter como corredor de passagem para as actividades sul-africanas contra Moçambique. Este facto constitui certamente ponto de discussão entre as autoridades de segurança de Moçambique e do Zimbabwe nas consultas regulares que mantêm. A brigada em formação no Zimbabwe, com o auxílio de instrutores militares coreanos, poderá constituir um forte dispositivo de dissuasão contra aventuras sul-africanas e forças por si instrumentalizadas.

Segundo fontes do Ministério da Defesa, as operações de limpeza que decorrem agora em Mossurize têm como objectivo eliminar os focos acantonados na zona mais montanhosa da região.

Em tempo de crise, o principal alvo dos elementos armados do «MNR» é a população que sofre represálias decorrentes da recusa em colaborar.

A população retirada compulsoriamente dos seus locais de habitação é conduzida para zonas mais remotas, onde deve fornecer a alimentação. Populares que ocupam cargos de responsabilidade política e administrativa e familiares, são por vezes mortos como «agentes comunistas», ou mutilados nos órgãos sexuais, orelhas e lábios.

Anteriormente à «Operação Leopardo», que culminou o ano passado com a destruição da base principal nas montanhas de Sitalonga, os grupos com maior espaço de movimentação, faziam operações contra Lojas do Povo, Cooperativas Agrícolas, Machambas Estatais e Colectivas, postos administrativos e sedes políticas, comboios e viaturas de carga, nas estradas principais ligando as províncias do sul ao centro e norte do país. Um tipo de actividade que caracterizou a primeira fase dos ataques foram as acções contra centros de reeducação na zona central de Manica e Sofala, de onde eram retirados potenciais recrutas para o «MNR».

A maior parte dos elementos capturados o ano passado durante as grandes operações militares em Manica, eram jovens raptados junto da população, objectivamente utilizados como «carne para canhão». O armamento utilizado, semelhante a modelos do exército moçambicano, vem confirmar informações reveladas por um prestigioso semanário português, denunciando uma rede internacional de traficantes de armas com destino à África do Sul. Aliás John Stockwell, ex-funcionário da espionagem americana e autor do livro «A CIA contra Angola», explica os mecanismos de aquisição de «armamento comunista» a Israel, para municiar a FNLA e a UNITA, sem comprometimentos escusados.

FPLM — PEDAGOGIA NA TRADIÇÃO

Segundo fontes militares moçambicanas, nas operações deste ano tem-se procurado dar grande ênfase a aspectos não predominantemente combativos. Destaca-se assim o enquadramento e apoio às populações das regiões envolvidas pelas operações e a sua fixação em centros comunitários estáveis. O semanário «Tempo» que tem dedicado a este aspecto particular destaques nas suas últimas edições, refere os esforços feitos para a reorganização da produção, o abastecimento de água potável e a extensão da rede de comercialização às áreas mais isoladas.

Responsáveis envolvidos nas operações, estão optimistas quanto aos resultados a obter. Contudo, sem triunfalismos, preparam-se para novos confrontos, uma vez que a chave do problema se chama África do Sul.

E este inimigo é difícil, embora não seja invencível.